

# IDENTIDADES TERRITORIAIS E PRODUÇÃO DE PRESENTE

## Literaturas pós-autônomas

Em busca de territórios do presente, estou pensando em tipos de textos atuais da realidade cotidiana, que se situam em ilhas urbanas da cidade de Buenos Aires, mas que poderiam aparecer em qualquer parte da América latina, por exemplo, no território de *La villa*, de César Aira; de *Montserrat*, de Daniel Link (Buenos Aires, Mansalva, 2006); o Boedo, de Fabián Casas, em *Ocio* (Buenos Aires, Santiago Arcos, 2006); o zoológico de María Sonia Cristoff, em *Desubicados* (Buenos Aires, Sudamericana, 2006); o Abasto, de Mariano Siskind (*Historia del Abasto*. Rosario, Beatriz Viterbo, 2007); as praças de María Moreno (*Banco a la sombra*. Buenos Aires, Sudamericana, 2007); e muitos mais (*Buenos Aires/Escala 1:1. Los barrios por sus escritores*. Juan Terranova [Comp.]. Buenos Aires, Entropía, 2007).

Da mesma maneira como as pessoas são identificadas juntamente com o meio (Rosita de Boedo, Martín de Palermo), nesses textos os sujeitos definem sua identidade por seu pertencimento a certos territórios.

Esse é meu ponto de partida. Esses textos não admitem leituras literárias; isso quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não literatura. Também não se sabe ou não importa se são realidade ou ficção. Estão instalados localmente, dentro de uma realidade cotidiana, a fim de produzir presente, sendo que esse

Imaginemos isso. Muitos textos do 2000 atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e se colocam fora e dentro, como numa posição diaspórica; estão fora, mas presos a seu interior. É como se estivessem "em êxodo". Continuam aparecendo como literatura e apresentam o formato de livro (são vendidos em livrarias, pela internet, além de feiras internacionais do livro), conservam o nome do autor (que é visto na televisão e nos jornais, assim como nas revistas de atualidades, recebe prêmios em festas literárias), são incluídos em algum gênero literário como "romance", e, por fim, se reconhecem e definem a si mesmos como "literatura".

Aparecem como literatura, mas não podem ser lidos com critérios ou categorias literárias, como autor, obra, estilo, escrita, texto e sentido. Não são lidos como literatura porque aplicam à literatura uma drástica operação de esvaziamento; o sentido (ou o autor, ou a escrita) fica sem densidade, sem paradoxo, sem indecidibilidade (ou como diz Tamara kamenszain, "sem metáfora"), sendo totalmente ocupado pela ambivalência: são e não são literatura, são ficção e realidade.

Representariam a literatura no fim do ciclo da autonomia literária, na época das empresas transnacionais do livro, ou das lojas dos livros nas grandes cadeias de jornais, rádios, televisão e outros meios; a literatura na indústria da língua. Esse fim de ciclo implica novas condições de produção e circulação do livro, que modificam os modos de ler.

Poderíamos chamá-las de escritas ou literaturas pós-autônomas.

As literaturas pós-autônomas, essas práticas literárias territoriais do cotidiano, estariam fundadas em dois postulados,

relações referenciais ou de verossimilhança. Assumem a forma do testemunho, da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica, do diário pessoal e até mesmo da etnografia (em muitos casos com algum "gênero literário" inserido em seu interior, como, por exemplo, o romance policial ou a ficção científica). Saem da literatura e entram na "realidade" e no cotidiano, na realidade do cotidiano, sendo que o cotidiano é a TV e os meios, os blogs, o e-mail, a internet. Produzem presente com a realidade cotidiana e essa é uma de suas políticas. A realidade cotidiana não é a realidade histórica referencial e verossímil do pensamento realista, de sua história política e social (a realidade separada da ficção), mas uma realidade produzida e construída pelos meios, pelas tecnologias e pelas ciências. É uma realidade que não quer ser representada, porque já é pura representação:

- estético  
+ outra  
coisa

criadora,  
Na realidade cotidiana, o "sujeito" e a "realidade" histórica não se opõem. Menos ainda "literatura" e "história", ficção e realidade.

4

A ideia e a experiência da realidade cotidiana, que absorve todos os realismos do passado, muda a noção de ficção dos clássicos latino-americanos dos séculos 19 e 20. Neles, a realidade era a "realidade histórica", e a ficção se definia por uma relação específica entre "a história" e "a literatura". Cada uma tinha sua esfera bem delimitada, algo que já não acontece atualmente. A narrativa clássica canônica, ou do boom (*Cem anos de solidão*, por exemplo), traçava nítidas fronteiras entre o histórico como "real" e o "literário" como fábula, símbolo, mito, alegoria ou pura subjetividade, gerando uma tensão entre os dois: a ficção consistia nessa tensão. A "ficção" era a realidade histórica, política e social, passada (ou formatada) por um mito, uma fábula, uma árvore genealógica, um símbolo, uma subjetividade ou uma densidade verbal. Ou, simplesmente, traçava uma fronteira entre a pura subjetividade e a pura realidade histórica (como em *Cem anos de solidão*, *Eu, o supremo*, *História de Mayta*, de Mario Vargas Llosa, 1984; *El mandato*, de Pablo Feinmann, 2000; nos romances históricos de Andrés Rivera, como *La revolución en un sueño eterno*, 1992).

5

Na realidade ficção de alguma ilha urbana latino-americana, muitos textos atuais dramatizam uma determinada situação da literatura, que é o processo do fim da literatura autônoma, aberto por Kant e pela modernidade. O fim de uma era, na qual a literatura teve uma lógica interna e um poder crucial. O poder

função, seu valor e sentido. Debatiam, também, a relação da literatura, ou da arte, com as outras esferas, a política, a economia, além de sua relação com a realidade histórica. Autonomia, para a literatura, significou especificidade e autorreferencialidade, bem como o poder de se nomear e referir a si mesma. Foi também um modo de se ler e mudar a si própria.

autonomia

*esfera pública e privada*

A situação de perda da autonomia da literatura (ou do "literário") é o mesmo que o fim das esferas, ou do pensamento das esferas (para praticar a imanência de Deleuze). Como se sabe, atualmente se dissolvem os campos relativamente autônomos (ou se dissolve o pensamento em esferas, mais ou menos delimitadas) do político, do econômico, do cultural. A realidade ficção da imaginação pública contém e funde esses restos.

## 6

Em alguns textos do presente que atravessaram a fronteira literária (que chamamos de pós-autônomos), é possível ver nitidamente o processo de perda da autonomia da literatura e as transformações que isso provoca. Cessam, formalmente, as classificações literárias, o que significa o fim das guerras, divisões e oposições tradicionais entre as formas nacionais e cosmopolitas, formas do realismo e da vanguarda, da "literatura pura" e da "literatura social" ou comprometida, da literatura rural e urbana, assim como acaba a diferenciação literária entre realidade (histórica) e ficção. Já não é mais possível ler esses textos com ou nesses termos; são as duas coisas. oscilam entre as duas



de que...  
só podiam funcionar em...  
autônoma, ou como campo. O que dramatizam, no final, era a...  
luta pelo poder literário e pela definição do poder da literatura.

O desvanecimento das identidades literárias é o que diferencia  
nitidamente a literatura dos anos de 1960 e 1970 dos escritos  
atuais. Nos textos que leio, as classificações responderiam a  
outra lógica & a outras políticas.

7

Ao perder voluntariamente a especificidade e os atributos  
literários, ao perder o "valor literário" (e ao perder a "ficção"),  
a literatura pós-autônoma perderia o poder crítico, emancipa-  
tório e até mesmo subversivo que foi designado pela autonomia  
à literatura como política própria, específica. A literatura perde  
poder ou já não consegue exercer esse poder.

8

Os textos pós-autônomos podem exibir ou não suas marcas

p. 161  
Descolou  
as  
cabeças  
de  
texto

176

Lengua de Trapo, 2000), ou "Trash" (Daniel Link, *La ansiedad* [romance *trash*]. Buenos Aires, El Cuento de Plata, 2004).

Nas duas posições ou em seus matizes, estes textos discutem o problema do valor literário. Tudo depende de como, ou a partir de onde, é lida a literatura atualmente. Ou se percebe a mudança no estatuto da literatura no interior da indústria da língua, e aí estamos frente a novos modos de ler. Ou não se vê ou se nega (não se imagina que estamos em outro mundo), e então continua havendo literatura e não literatura, ou má e boa literatura.

Serlio

9

As literaturas pós-autônomas do presente sairiam da "literatura", atravessariam a fronteira e entrariam em um meio (uma matéria) real-virtual, sem exterior, que é a imaginação pública; em tudo o que se produz e circula e nos invade e é social e privado e público e real. Ou seja, entrariam em um tipo de matéria e um tipo de trabalho social, onde não há "índice de realidade" ou de "ficção", construindo presente. Entrariam na fábrica de realidade, que é a imaginação pública, para narrar algumas histórias cotidianas em alguma ilha urbana latino-americana. A fim de imaginar identidades de sujeitos que se definem fora e dentro de certos territórios.